



Universidade Estadual de Santa Cruz

Reitora: Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro
Vice-Reitor: Evandro Sena Freire



Departamento de Letras e Artes

Diretor: Samuel Leandro Oliveira de Mattos
Vice-Diretora: Lúcia Regina Fonseca Netto

Rodovia Jorge Amado (BA-415), km 16
Campus Soane Nazaré de Andrade
CEP 45662-900 – Ilhéus – Bahia – Brasil
Endereço eletrônico: letras@uesc.br
Site eletrônico: <http://www.uesc.br/dla/index.php>
Fone/Fax: 55 73 3680-5088



EID&A

Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação

ISSN 2237-6984

Editores
Eduardo Lopes Piris
Moisés Olímpio Ferreira

Endereço eletrônico: revista.eidea@gmail.com
Site eletrônico: <http://www.uesc.br/revistas/eidea>

EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação

Departamento de Letras e Artes – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Rodovia Jorge Amado (BA-415), km 16, Campus Soane Nazaré de Andrade

CEP 45662-900 – Ilhéus – Bahia – Brasil

revista.eidea@gmail.com

Editores

Eduardo Lopes Piris • Moisés Olímpio Ferreira

Comitê de Leitura

Ana Maria Di Renzo (UNEMAT)

Ana Zandwais (UFRGS)

Anna Flora Brunelli (UNESP)

Carlos Piovezani (UFSCar)

Christian Plantin (ICAR/CNRS)

Cristian Tileaga (U.Loughborough)

Christiani Margareth de Menezes e Silva (UESC)

Eduardo Chagas Oliveira (UEFS)

Edvânia Gomes da Silva (UESB)

Eliana Alves Greco (UEM)

Emília Mendes Lopes (UFMG)

Eugenio Pagotti (UFS)

Evandra Grigoletto (UFPE)

Fabiana Cristina Komesu (UNESP)

Fabiele Stockmans de Nardi (UFPE)

Galia Yanoshevsky (U.Tel-Aviv)

Gilberto Nazareno Teles Sobral (UNEB)

Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG)

Guylaine Martel (U. Laval)

Helena Nagamine Brandão (USP)

Isabel Cristina Michelin de Azevedo (UFS)

Ivo José Dittrich (UNIOESTE)

John E. Richardson (U.Newcastle)

José Nivaldo de Farias (UFAL)

Juan Eduardo Bonnin (UBA)

Juan Marcelo Columba-Fernández (UPEA)

Juciane dos Santos Cavalheiro (UEA)

Leonildo Silveira Campos (UMESP)

Lineide Salvador Mosca (USP)

Luciana Salazar Salgado (UFSCar)

Luciano Novaes Vidon (UFES)

Manuel Alexandre Júnior (U.Lisboa)

Marc Angenot (U.MacGill)

Márcia Regina Curado Pereira Mariano (UFS)

Maria Adélia Ferreira Mauro (FOCSP)

Maria Alejandra Vitale (UBA)

Maria Amélia Chagas Gaiarsa (UCSAL)

Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago (UFG)

Maria Eliza Freitas do Nascimento (UERN)

Maria Emília de Rodat de A. Barreto Barros (UFS)

Maria Helena Cruz Pistori (PUCSP)

Maria Rosa Petroni (UFMT)

Maria Teresinha Py Elichirigoity (UFRGS)

Marianne Doury (CNRS)

Marie-Anne Paveau (U.Paris XIII)

Marinalva Vieira Barbosa (UFTM)

Marisa Grigoletto (USP)

Maurício Beck (UFF)

Nelson Barros da Costa (UFC)

Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP)

Pedro Luis Navarro Barbosa (UEM)

Ricardo Henrique Resende de Andrade (UFRB)

Rui Alexandre Grácio (U.Nova de Lisboa)

Ruth Amossy (U.Tel-Aviv)

Ruth Wodak (U.Lancaster)

Sheila Vieira de Camargo Grillo (USP)

Sírio Possenti (UNICAMP)

Sophie Moirand (U.Paris III)

Soraya Maria Romano Pacífico (USP)

Thierry Guilbert (U. Picardie)

Valdemir Miotello (UFSCar)

Valdir Heitor Barzotto (USP)

Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC)

Viviane Cristina Vieira Sebba Ramalho (UnB)

Viviane de Melo Resende (UnB)

Wander Emediato de Souza (UFMG)

William Augusto Menezes (UFOP)

William M. Keith (U.Wisconsin)

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino (USP)

Revisores

Denise Gonzaga dos Santos Brito • Roberto Santos de Carvalho

Capa e logotipo

Laurenci Barros Esteves

Diagramação

Eduardo Lopes Piris

RETÓRICA DA IMAGEM E TEMÁTICA DA UNIÃO NO DISCURSO ICÔNICO EM TORNO DA TOMADA DE POSSE DE ALASSANE OUATTARA

Dorgelès Houessouⁱ

Resumo: Alassane Ouattara tomou posse como presidente da República da Costa do Marfim em 21 de Maio de 2011. Na memória dos marfinenses, nenhuma tomada de posse presidencial precedente mobilizou tanto interesse nacional e internacional, nem dos fundos financeiros, nem do mundo, nem da imaginação e nem mesmo de imagens... Partindo da ideia de que “a imagem é apenas uma organização filtrada ‘dos dados do mundo’, uma interpretação, um discurso ‘sobre o mundo’, [...] um agrupamento de sinais, [...] construída, semiotizada, deslocada, relativa e contextualizada” (JOLY, 2002), propomos nesse artigo uma “palestra, aula, algo assim” semiológica de algumas imagens associadas à tomada de posse de Alassane Ouattara em vista de estudar a função publicitária delas. Se, como lembra Joly (1994), “a plasticidade das mensagens visuais constitui um nível de significação para a parte inteira que interage com os outros níveis - o icônico, o linguístico e o institucional -, para produzir uma mensagem global”, nos esforçamos para identificar evidências da conformidade dessas imagens ao tema da união sob o signo linguístico que estava presente na tomada de posse. Trata-se de descrever o processo pelo qual um simples chamado à união, devido à expressão da autoridade institucional, que lhe é contíguo, é definido de imediato como objeto de união.

Palavras-chave: Imagem visual fixa. Semiologia da imagem. Semiótica visual. Signo icônico. Signo plástico.

Abstract: Alassane Ouattara was inaugurated as president of the Republic of Côte d'Ivoire on 21 may, 2013. Within Ivorian memory, no inauguration ceremony has ever mobilized so many national and international interest, neither funds, nor crowd, imagination, let alone images... From the stand point that image is nothing but “a filtered organization of data of the world – a set of built semiotized, shifted, related an contextualized signs” (JOLY, 2002), we suggest in this article the semiological reading of some images associated with the inauguration of Alassane Ouattara. If as Joly states “the plasticity of visual messages represent a level of meaning as a whole, that interacts with the others that are iconic, linguistic and institutional to yield a global message” (Joly 1994: 104), we afford to work out the relevancy of these images to the theme of gathering through the linguistic sign on which the inauguration focused. Then we describe the process whereby a simple call for gathering, thanks to the expression of the institutional authority, proves first of all as the object of gathering.

Keywords: Fixed visual picture. Semiotics of the image. Visual semiotics. Iconic sign. Plastic sign.

ⁱ Doutorando pela Université Félix Houphouët Boigny d'Abidjan-Cocody, Costa do Marfim. E-mail: dorgeleshouessou@yahoo.fr.

Uma espetacular tomada de posse...

A tomada de posse de Alassane Outtara para a liderança da Costa do Marfim é anunciada pela imprensa como um evento histórico e descrita mais tarde como sendo fenomenal. Consolidou-se como um evento anunciado por dois comerciais que foram transmitidos repetidamente por dois canais da televisão nacional e cartazes espalhados pelas principais ruas das cidades de Abidjan e Yamoussoukro. O gigantismo desse evento se mantém desde a escolha do lugar para sua realização: a sede da fundação Félix Houphouët Boigny (fundação FHB), dedicada à pesquisa pela paz, que conta dois mil lugares, mas que abriga bem mais.

A grandiosidade se manteve na qualidade e no número de convidados, entre os quais se encontravam cerca de vinte chefes de Estado e representantes de governos africanos, como o presidente francês Nicolas Sarkozy e seu ministro de relações estrangeiras Alain Juppé, e mesmo o secretário geral das Nações Unidas Ban Ki-moon. Às autoridades políticas, se juntaram grandes empresários que assumiam o papel de autoridades econômicas, como Martin Bouygues (CEO do grupo BOUYGUES), Vincent Balloré (CEO do grupo BALLORE) e Alexandre Vilgrain (presidente do conselho francês de investimentos na África e CEO do grupo agroindustrial SOMDIA'A).

Havia ainda um grande número de participantes que não conseguiram um lugar na sala da cerimônia e ocuparam os jardins paisagísticos preparados para a ocasião e equipados com telas gigantes: uma multidão veio manifestar sua alegria na cerimônia de posse, que contava com dezenas de milhares de homens, mulheres e jovens. Além disso, notava-se a ressonância internacional desse momento histórico por meio dos dispositivos de comunicação que o cercavam. A maior parte das mídias internacionais lá estavam representadas. Um site oficial lhe foi dedicado na internet, apresentando menus como “o comitê de organização”, “o programa”, “o histórico”, “o presidente”, entre outros. Enfim, notaremos a diversidade de produtos derivados do evento que estampam as cores nacionais e a mensagem que anunciava a tomada de posse. Esses produtos iam de acessórios vestuários (camisetas, *pagne*¹,

¹ Nota da tradutora: pano retangular, colorido, com estampa florida, que pode servir como vestuário, ser usado em peças de decoração e em muitos outros objetos. Durante sua produção, homens batem as fibras, enquanto as mulheres são responsáveis pela decoração do tecido. Hoje em dia, a técnica foi modernizada e são utilizados quatro tipos de fibra têxtil: algodão (mais comum), seda, lã e ráfia. Em suma, é um tipo de tecido pertencente à cultura africana.

HOUËSSOU, Dorgelès. Retórica da imagem e temática da união no discurso icônico em torno da tomada de posse de Alassane Ouattara. Trad. Isabel Cristina Michelin de Azevedo. Rev. Trad. Eduardo Lopes Piris. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 56-73, dez.2013.

bonés...) a embalagens de produtos alimentícios e de garrafas de água mineral, passando por flâmulas e bandeirolas.

Em suma, a febre e a excitação foram tão grandes para aquela tomada de posse que o dispositivo de segurança montado bateu todos os recordes, porque contou com as forças de paz da ONU, as Forças Republicanas da Costa do Marfim, efetivo da força francesa Licorne e do exército de Gana. O gigantismo do evento impõe que se decifrem os sentidos, os ditos e os implícitos. Assim, para tal fim, este estudo aborda a dimensão semiótica da comunicação visual sobre a tomada de posse, antes dela e durante ela.

1 O pré-discurso visual

Precedendo o discurso da tomada de posse propriamente dita, a logomarca dessa cerimônia é portadora de uma temática de união, cuja cor vem em verde e em laranja. Neste artigo, interessamo-nos particularmente pelas variantes da cor laranja.

1.1 Abordagem icônica

1.1.1 A construção ou o itinerário de leitura

O primeiro cartaz é dominado pelas linhas horizontais. Elas impõem uma leitura estática, ou seja, realizado em uma única linha e orientado pela dimensão paisagística do enquadramento. E o mesmo se aplica ao segundo cartaz.



Figura 1 – Cartaz de divulgação 1 da tomada de posse do presidente marfinense Alassane Ouattara.



Figura 2 – Cartaz de divulgação 2 da tomada de posse do presidente marfinense Alassane Ouattara.

1.1.2 O enquadramento

A primeira imagem (Figura 1) é enquadrada horizontalmente e organizada em torno de dois níveis: o texto no fundo e a cor laranja sólida. O texto comporta seis unidades de fontes e de tamanhos diferentes em sete linhas e é estruturado em torno de três superfícies. A primeira é constituída de um quadro retangular contendo o essencial semântico e icônico da mensagem textual com os dois maiores tamanhos de fonte. A frase “La Côte d’Ivoire” (“A Costa do Marfim”) está acima do adjetivo “rassemblée” (“unida”) que possui espessura gráfica e está distribuído ao longo da frase que está acima dele. Ambos estão em letras maiúsculas. A segunda superfície constitui um quadro branco que comporta três unidades de cor verde divididas sobre três linhas, as duas primeiras “le 21” (“o 21”) e “mai” (“maio”), em letras minúsculas, possuem espessura mediana quando comparadas à terceira “2011”, que constitui o carácter dominante. A última linha apresenta “Yamoussoukro” em letra maiúscula e em cor laranja. Essa é a menos importante dessa superfície e de todo o texto em termos de tamanho e de espessura gráfica. A última superfície é linear e sublinha as duas primeiras superfícies, comportando uma frase nominal em letras maiúsculas anunciando um evento: “INVESTITURE DE DU PRÉSIDENT DE LA RÉPUBLIQUE” (“TOMADA DE POSSE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA”). A disposição do texto direciona invariavelmente para a

seguinte leitura: “A Costa do Marfim unida, 21 de maio de 2011, Yamoussoukro, tomada de posse do Presidente da República”.

A segunda imagem (Figura 2) é também enquadrada horizontalmente e comporta cinco níveis:

- Texto de cima: sendo anafórico ao texto do primeiro cartaz, nota-se uma mudança na cor da fonte do quadrado branco que de verde passa ao laranja, exceto pelo nome da vila de Yamoussoukro, que, de laranja no primeiro cartaz, passa à cor verde;
- A fundação FHB, na profundidade do campo, é revestida de uma auréola importante;
- Os jardins da dita fundação;
- Um signo icônico representando uma multidão de homens, mulheres e crianças colocada em quatro fileiras, em que a primeira fileira conta com nove personagens alinhadas regularmente ao centro e de cor branca. A segunda fileira oferece a ilusão de inúmeras personagens, que estão na cor laranja e em tom claro. As terceira e quarta fileiras apresentam as mesmas estruturas e são de tom mais escuro. Essas personagens são dobradas pelas sombras que se projetam e que estão paralelas aos raios da auréola que reveste a fundação FHB;
- Uma unidade textual em letras maiúsculas anuncia o evento: “TOMADA DE POSSE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA”.

1.2 Abordagem Iconográfica

1.2.1 Simbólico²

O branco e o cinza

O branco é universalmente associado à luz diurna e às conotações que a ela são associadas e, na maior parte dos casos, dá valor aquilo ao que está relacionado. Paradoxalmente, o branco é também associado ao além e ao luto em algumas culturas. No contexto dessa imagem, o branco pode definir a pureza ligada ao renascimento da Costa do Marfim a partir da tomada de posse, depois de um período de dificuldade pela guerra que toda a nação experienciou. A tomada de posse anunciada se investe então de valores

² Todo o simbolismo das cores apresentado neste artigo é retirado de J. Peyresblanques (1998).

construtivos. Ela trata do renascimento como de um dia novo que se ergue, mas também da celebração do luto das vítimas da crise cujo sacrifício não terá sido em vão, visto que resulta nessa dita tomada de posse. A vetorização negativa do branco é comum em várias civilizações, mas ela se determina por contraste a outras cores. O branco poderia então simbolizar, dentro da temática do luto, todos os desaparecidos durante essa crise. Essa hipótese tende a confirmar o valor da “união” dessa tomada de posse, pois ela se torna o lugar de uma homenagem aos sobreviventes e aos mortos. O cinza do edifício que está associado ao branco traduz implicitamente essa ambivalência semântica do branco.

O Amarelo e o verde

O amarelo e o verde simbolizam a riqueza e a fertilidade. Assim como o verde não está associado apenas à riqueza material, mas também à felicidade e à vida, entendida como ouro, o amarelo divide com o branco a “semeação” da luminosidade. Para este fim, carrega os valores ideológicos deste último que ligam o homem à riqueza interior e exterior. Nesse contexto da tomada de posse, diz-se que o amarelo traduz a renovação da Costa do Marfim por meio da qual essa nação retomarão o progresso econômico e encontrará seu *status* - como um argumento dóxico o sublinha - de “país abençoado de Deus”; prosperidade espiritual, mas também de felicidade material. Além disso, o laço entre o amarelo e a tomada de posse, cujo jogo é uma transferência de poder, se aproveita do simbolismo dessa cor que é associado às vezes ao poder divino, mas também aos homens cujo poder é investido por eles mesmos.

O amarelo enquanto símbolo de riqueza é também associado aos valores negativos, como a ganância e o sadismo³. Um poderia gerar a inveja, o ciúmes,

3 “Há ambivalência porque a cor dos grãos maduros de trigo, milho, milho miúdo... é a cor amarela que anuncia o outono. Ela é seca como o ouro que provoca inveja desejo e prazer. Na mitologia grega, as maçãs de ouro das Hespérides são símbolo de amor e harmonia, mas a Guerra de Tróia foi provocada por uma maçã dourada, maçã do orgulho e da inveja. Para o Islã, amarelo é associado à traição e decepção. Na China, as fontes amarelas levam ao reino dos mortos. No teatro de Pequim, os atores com maquiagem amarela representam a crueldade, a dissimulação, o cinismo. Entre os cristãos, o amarelo também significa traição: Judas é mostrado com um vestido amarelo, bem como os judeus. É por isso que, em 1215, o Concílio de Latrão colocou uma rodela amarela em suas roupas, retomando a ancestral estrela amarela que é uma sinistra memória [...]” (PEYRESBLANQUES, 1998, p. 5-6).

a traição, a discórdia e o outro as atrocidades de uma guerra. Se o amarelo evoca a traição nascida do fato da concupiscência e da ganância ávida, esse cartaz da tomada de posse não parece fazer ilusão a isso. A codificação semiótica proíbe tal perspectiva, é necessário interrogar o contexto pré-discursivo para divulgar um relatório sobre ele. Esse é de fato o ponto no qual a tomada de posse constitui um bem, uma riqueza tanto tão moral quanto material - pois simboliza o poder da luxúria ligada à sua conquista que conduziu o país à guerra. Isso concluído, convém jogar uma luz espectacular sobre este cenário, restaurar os valores e as virtudes da instituição presidencial que, apesar do doloroso passado recente, deve continuar a ser uma fonte de desejo.

O Laranja

O laranja está associado às chamas, a suas oscilações ondulatórias, ao movimento que elas geram e que traduzem uma dança constante. É o símbolo da alegria. Nesse contexto da tomada de posse, o argumento da alegria se sobressai. Trata-se literalmente de uma celebração e sua dimensão festiva é sustentada por seu status de evento nacional. Mas é igualmente possível deduzir que o laranja traduz a união mística do povo e da soberania na inscrição da tomada de posse no teatro da fundação FHB. Trata-se de fato de uma desapropriação da identidade individual do sujeito investido que é levado a assumir uma identidade institucional e coletiva que se materializa nela e com ela. É a cor dos monges realizados, assim encontra-se com o laranja a teoria dos casamentos místicos do homem finito com a divindade infinita que por deslize dóxico – pois se acredita que o poder vem de Deus – pode ser assimilado à comunhão mística entre o povo e o soberano.

O laranja também pode ser colocado em relação a valores negativos. A infidelidade e a traição podem notadamente ser assimilados ao laranja, segundo Peyresblanques (1998). A imagem de infidelidade e do engano, embora seja impossível deduzir a codificação ou intenção comunicativa do enunciador, apresentam-se insidiosamente e como por um curioso acaso em relação à essa cerimônia que manipula as massas tão queridas ao discurso político.

1.2.2 Figuras de retórica

1.2.2.1 Figuras de contiguidade: construção ropálica⁴ e metonímia

A disposição das unidades textuais do primeiro plano, em particular aquelas da primeira superfície, sugere uma composição gráfica que nos parece proceder da construção ropálica. De fato, se o sintagma nominal “a Costa do Marfim” estivesse em um tamanho e em uma espessura gráfica semelhantes ao do adjetivo “unida”, essas duas unidades textuais não estariam na mesma medida visual, quer dizer no mesmo comprimento, porque de fato elas diferem quanto à métrica vocal (cinco sílabas para a primeira contra três para a segunda). Assim, a opção de as dispor sobre uma mesma medida de forma a serem alinhadas verticalmente na primeira e na última letra de cada unidade textual da primeira superfície visa diminuir a espessura do traço do sintagma nominal “a Costa do Marfim” bem como seu tamanho. Isso resulta em um efeito de compressão ou de aglomeração que evoca a ideia da união sugerida. A forma dos caracteres dessas duas unidades textuais é portadora do senso dessa mesma sequência textual. Definimos essa construção semântica como relevante para o procedimento ropálico cujo senso etimológico é próximo da codificação que acabamos de descrever. Do grego, significa na prática “em forma de clava, cujo metro aumenta ou diminui na medida dos diferentes diâmetros do objeto representado”.

Além disso, uma metonímia da parte pelo todo é perceptível no segundo cartaz. A multidão ilustra a sequência textual analisada acima, é anônima porque não tem as formas humanas, não especifica a sua identidade. Essa imprecisão é um convite ao leitor dessa imagem a se reconhecer nela. A metonímia mantém aqui a assimilação dessa multidão à integralidade do povo marfinense.

1.2.2.2 Figura por analogia: A metáfora

A disposição central das unidades textuais do primeiro cartaz constitui uma metáfora de orientação (MORIER, 1989, p. 1010), que tem o centro como ponto nevrálgico, como ponto de evidência absoluta e como o primado do coração. Tal cartaz traduz então a evidência da união, presente no coração de

⁴ Nota da tradutora: ropálico - verso grego ou latino que começa por monossílabo, tendo cada uma das palavras seguintes uma sílaba mais que a anterior. Ropálico é um adjetivo que provém do latim medieval: *rhopalicus*.

todos os marfinenses, e que não constitui um projeto, mas um fato já consumado por antecipação cronológica, e que a tomada de posse do presidente somente confirmará.

O segundo cartaz (Figura 2) apresenta as mesmas disposições devido à anáfora contida nas unidades textuais do primeiro cartaz (Figura 1). Uma segunda metáfora, assimilando o poder a um desses símbolos-chave, ou seja, o sol, é perceptível por meio da auréola e dos raios luminosos que são emitidos da fundação FHB. A porta une uma configuração metonímica evidente do lugar para o poder que ele representa contextualmente aqui: a tomada de posse. Trata-se, portanto, do lugar da tomada do poder solene. A temática do sol nascente retoma estranhamente nesse cartaz a campanha, atualizada neste momento da tomada de posse, pois o sujeito eleito Alassane Ouattara é vestido de uma auréola resplandescente. A relação intertextual dessa metáfora também pode ser afirmada em uma passagem do discurso de posse de Paul Yao N'dre que, citando Ahoua N'guetta, afirmava: “você deve ser o senhor presidente: ‘O sol nascente e resplandescente acima da colina que clareia o navio marfinense’”. Trata-se de uma temática que agrada o sujeito empossado, pela qual ele se reapropria dos valores de pureza, bondade, orientação, unidade, valores doxicamente associados à utilização da auréola.



Figura 3 – Cartaz de campanha presidencial do então candidato Alassane Dramane Ouattara (ADO).

1.2.2.3 O paradoxo

Duas fontes luminosas estão em conflito na segunda imagem. A primeira proveniente da Fundação FHB justifica as sombras orientadas para o exterior. Essa iluminação é uma metáfora do sol que se levantou há pouco. A

segunda fonte luminosa é extra figurativa e está fora desse âmbito. Essa fonte anônima ilumina a primeira fileira da grandeza figurativa que representa a multidão e orienta as sombras das personagens representadas no interior. Isso explica o degradé dos tons indo do branco ao laranja escuro na profundidade da multiplicidade. Se a multidão assim apresentada na disposição global da imagem é sugerida pelo enunciador como uma expressão icônica e autônoma da união, ela é tomada a partir do jogo paradoxal da claridade entre o eixo visual do enunciador e a profundidade da imagem. De fato, as nove personagens em primeiro plano e a fileira em sequência são projetadas para o olhar do enunciatário, se acreditarmos que claridade provém delas e também na disposição de seus pés. Aqueles que estão ao fundo, por outro lado, parecem cativados pela majestade do edifício e se constituem como um polo enunciativo; pelo menos é o que parece propor a similaridade cromática entre esses e os jardins do instituto. Eles, portanto, constituem corpo com o evento.

Assim a grandeza figurativa das personagens comporta dois subconjuntos determinados pelo ponto de vista. De uma parte, existem as personagens que, fixando o enunciatário, o convidam a se juntar à união suscitada pela tomada de posse e, de outra parte, existem aqueles que, já no espetáculo da tomada de posse aureolada, assistem ao evento na mesma direção que o destinatário. Essa construção constitui uma representação da tomada de posse como um espetáculo mágico e majestoso.

É percebido em definitivo um duplo paradoxo na segunda imagem. Um é relativo às iluminações associadas à espetacularidade (auréola) do evento, à espetacularização do evento, o que cativa os projetores; o outro está ligado ao posicionamento espacial das personagens colocados de costas uns para os outros.

1.2.3 Referências culturais e mitológicas

O código cromático revela as cores da bandeira nacional marfinense e, por deslize argumentativo, a moeda nacional cujo enunciado (União - Disciplina - Trabalho) é constitutivo do mito fundador da nação marfinense, nascida pelo trabalho e forjada na disciplina e na união de seus pais fundadores, como também do mito discursivo do renascimento nacional. Isso porque a união que precedeu o nascimento da nação marfinense, e cuja temática da união constitui um atualizador, deve igualmente presidir o renascimento da dita nação.

2. Iconicidade da tomada de posse

Uma grande diversidade de imagens celebra a tomada de posse propriamente dita. Limitamos nosso trabalho a quatro sinais icônicos em razão de seu caráter original: o *pagne* oficial da tomada de posse; o rótulo de uma garrafa de água mineral; os diversos brindes, dentre os quais os bonés nos interessam (vide Figura 4). Podemos reduzir a expressão icônica dessa tomada de posse a duas modalidades: a da vestimenta e a do alimento.

Conduzimos, assim, nossa análise com base nas fotografias extraídas do filme da tomada de posse de Alassane Outtara, difundidas em vários sites na Internet⁵ e que dão noção da dimensão da celebração da tomada de posse que carregava a temática imperativa da união.



Figura 4 – Fotografias extraídas do filme da tomada de posse de Alassane Outtara, para composição do *corpus*.

2.1 Abordagem icônica

2.1.1 A vestimenta

O *pagne* é trajado por uma jovem dama elegantemente vestida, que usa também luvas brancas e um chapéu branco ornado com duas fitas laranjas e verdes. *In abstracto*, o *pagne* apresenta-se sob a forma de uma trama branca que compreende três grandezas figurativas. A primeira é um padrão de fundo

5 Especialmente, o site disponível em: <www.abidjan.net>. Acesso em: 23 mai. 2011.

de pequeno tamanho que apresenta um punhado de mãos. As mãos agarram umas às outras e saem da alça colorida. A alça da direita é de cor laranja, a da esquerda é de cor verde, enquanto que as duas mãos que se apertam possuem um leve contorno preto que deixa transparecer uma trama no fundo branco. A segunda grandeza figurativa de tamanho médio é um mapa da Costa do Marfim em contorno levemente escuro e cujo fundo é constituído de uma faixa branca mediana separando os lados das extremidades oeste/nordeste de cor laranja e leste/sudeste de cor verde. A terceira grandeza figurativa constitui uma imagem do presidente da República. De tamanho impressionante, comparado às outras duas, essa fotografia oval é cercada por uma mensagem textual cuja leitura impõe dois semi-círculos sintagmáticos. Temos, no alto e da esquerda para a direita, o sintagma “TOMADA DE POSSE DO PRESIDENTE” e, abaixo, sempre de esquerda à direita, a designação “ALASSANE DRAMANE OUTTARA”. A fotografia faz notar um ponto de vista e constitui um plano aproximado. Percebe-se ali um traje escuro, uma camisa branca e uma gravata escura, mas que exhibe faixas inclinadas de tons em degradé indo do cinza ao branco. O sujeito representado, o presidente a ser empossado, exhibe um sorriso.

Quanto aos bonés, eles reproduzem a imagem do primeiro cartaz analisado. A imagem tem dois tons. Um branco e outro laranja. Ela representa um zoom sobre uma multidão de participantes na cerimônia da tomada de posse. Três personagens a constituem. Um adolescente em primeiro plano exhibe entre as mãos um formato reduzido do cartaz publicitário que anuncia o evento, na mão esquerda um boné qualquer de cor rosa e sobre a cabeça um boné publicitário do evento, dominado pela cor laranja. Ele mesmo está vestido de branco. Provavelmente abaixado à sua frente está um indivíduo cujo corpo está fora de esquadre, mas que também usa um boné publicitário do evento. Percebe-se isso por possuir as mesmas inscrições, apesar de diferir na cor branca, exceto a viseira que é laranja. Atrás do adolescente em primeiro plano, há um terceiro personagem que usa o mesmo boné.

2.1.2 O alimento

Trata-se de uma garrafa de água mineral cujo rótulo constitui um cartaz. A trama do fundo apresenta três faixas horizontais de cores diferentes. A cor laranja está no alto, a branca no meio e a verde abaixo. Enquanto nas

extremidades superior e inferior as faixas de cores laranja e verde são claramente definidas pelos limites do rótulo, a de cor branca é turva e apresenta um degradé que dá a essa faixa branca uma impressão de desproporção quanto às duas outras faixas laranja e verde. Duas mensagens textuais delimitam então a faixa branca. A primeira a partir do alto e até o limite entre as faixas laranja e branca está escrita em duas linhas:

“S.E.M. o Presidente
Alassane Dramane Ouattara”

A segunda mensagem textual, abaixo, se estende sobre três linhas. Ela forma uma linearidade paralela com a primeira mensagem e traz os sintagmas:

“Cerimônia de tomada de posse
Yamoussoukro
21 de maio de 2011”

Entre essas duas mensagens textuais e o centro da faixa branca, um círculo de contorno escuro forte apresenta também três faixas verticais de cor laranja, para a da direita, branca para a do centro e verde para a da esquerda. Sobre o canto esquerdo da primeira grandeza figurativa se supõe um mapa nacional cuja imagem do fundo é a fotografia do presidente.

2.2 Abordagem iconográfica

O *pagne* oficial da tomada de posse pertence à publicidade do evento. O fato é que seu impacto está, ao mesmo tempo, na atualização, enquanto índice de celebração da tomada de posse, e na projeção futura do que é suscetível de constituir uma lembrança da celebração em questão. Na verdade, pareceria incongruente considerar a tomada de posse antes da data do evento que anuncia. E o mesmo acontece com o seu corolário, o boné; somente sua atualização no próprio dia da tomada de posse teria sido suscetível de fazer compartilhar o sentimento de fervor e de ligação que rondava o evento.

É proposto ao público, como um índice de vestimenta da celebração da tomada de posse, um uniforme, no sentido psicológico do termo, assegurando àqueles que o vestem uma identidade coletiva e seu pertencimento ideológico comum. O uniforme garante, assim, a toda pessoa que o veste a certeza de constituir uma encarnação localizada e temporal do

código semiótico que o caracteriza. Um policial de uniforme representa, metonimicamente, a polícia, um soldado, o exército etc. Daí, nosso interesse em escolher uma imagem do *pagne* que não estivesse isolado, mas em uma situação de atualização. Assim, a roupa da jovem mulher permite deduzir que se trata de uma líder. Esse detalhe tem seu peso, pois ele associa diretamente o elemento visual à cerimônia de tomada de posse. De fato, a roupa das lideranças é bem cuidada e revela a iniciativa do comitê de organização do evento. Trata-se, portanto, de uma voz oficial que leva a mensagem nelas mesmas, por meio de sua roupa e da harmonia que elas exibem no conjunto, constituindo uma encarnação ritual, localizada e temporária, do poder presencial empossado. Na verdade, está implícito que uma organização consegue confirmar sua seriedade, eficácia e todo o poder do presidente empossado pela ação do comitê de organização da cerimônia, que conseguiu uma façanha jamais obtida em uma eleição presidencial na Costa do Marfim antes da criação de uma imagem materializada em tecido, ocupando assim o lugar de uniforme. Na mesma ótica, o fato de o adolescente que está usando um boné com as cores da tomada de posse ter à mão esquerda um outro boné na cor rosa confirma que os bonés publicitários haviam sido distribuídos no momento da cerimônia pelo comitê de organização visando agregar esplendor ao evento. O simbólico do *pagne* emerge de um percurso figurativo em quatro tempos:

- Uma personificação tende a fazer coincidir sobre um plano sintagmático e semântico a fotografia do presidente e o desenho do mapa nacional. Pode-se deduzir que o rosto do presidente é também aquele da nação que ele personifica com a tomada de posse. Sua imagem por causa dessa contiguidade se torna o símbolo da nação.
- Uma *mise en abîme* (técnica da imagem dentro da imagem) deixa entrever que o sorriso da líder que veste o *pagne* trata-se de um eco emocional do sorriso exibido pelo presidente. A alegria do sagrado é assim partilhada entre o soberano e seu povo, cuja líder é uma emanção. Se o presidente sorrindo deseja comunicar sua felicidade, alegria e fé no futuro aos seus concidadãos, esses são, acima de tudo, felizes de colocar no poder, por meio da tomada de posse, um homem que encarna sua aspiração ao bem-estar.

- Uma acumulação anafórica, nascida da multiplicidade dos punhados de mãos em cores nacionais, sugere a pluralidade dos marfinenses que dentro de sua diversidade se unem em torno do símbolo da pátria.



Figura 5 – Detalhe da imagem do presidente empossado no *pagne* vestido pela jovem líder.

Há, portanto, acumulação não de elementos diferentes, mas repetição acumulativa do mesmo símbolo que traduz a unidade nacional em um momento bastante propício ao da tomada de posse do presidente, supostamente destinada a reunir todas as sensibilidades e a testemunhar a continuidade, ao mesmo tempo, da instituição presidencial e do jogo democrático. Além disso, o simbólico do punhado de mãos é sincronizadamente denotativo do acordo, da amizade, da comunhão e da confiança. Curiosa e paradoxal evolução do sentido de um gesto que, na origem, exprimia a desconfiança dos combatentes na arena, pois estes constataavam naquele momento que o adversário não encobria da vista de seu desafiante uma arma mortal.

- Uma personificação da bandeira nacional marfinense, cujas cores se cumprimentam, tende a induzir que se trata de um deslize isotópico, seja do presidente que estende a mão a todos os marfinenses, como o permite sua autoridade institucional, seja dos marfinenses quando se cumprimentam em um espírito de reconciliação.

A visão perlocutória dessa imagem é, então, a de suscitar no destinatário a adesão ao calor da tomada de posse e, portanto, a sua fidelidade incondicional ao presidente empossado.

O rótulo da garrafa apresentada mostra também a mesma estrutura figurativa e argumentativa do *pagne* analisado. De fato, o mapa da Costa do Marfim, cuja imagem de fundo é uma fotografia do presidente empossado, constitui uma personificação da nação por esse último, como deixa sugerir a tomada de posse por meio da qual as rédeas do poder executivo lhe são confiadas.

... Uma tomada de posse espetacular

Sobre o caráter manipulativo das imagens, Serge Tisseron (1999) destaca que “no cotidiano, estamos sempre sob a influência dos poderes vigentes e de transformação, e isso nos conduz bem além da mera identificação de seu significado”⁶. O tema da união anunciado com a tomada de posse está no coração do sistema semiológico das imagens construído pelos organizadores do evento que pretendem impressionar ou deslumbrar os destinatários. Ele transparece por meio de um processo de simbolização cuja visão argumentativa é de fazer crer que a eleição de Alassane Ouattara unifica os marfinenses que passaram por vários anos de crise até o paroxístico da crise militar-civil pós-eleitoral. Além desse aspecto da argumentatividade das imagens apresentadas, é importante destacar seu caráter sem precedente na história política da Costa do Marfim, o que merece ser mostrado como índice de espetacularização.

Primeiramente, a notificação constitucional da tomada de posse do presidente eleito acontece somente três dias após a validação dos resultados definitivos pelo conselho constitucional, os serviços do protocolo da presidência não tiveram tempo para uma organização tão grandiosa. De fato, foi a primeira vez que os cartazes foram exibidos nos grandes eixos das capitais política e econômica, que são Yamoussoukro e Abidjan, para anunciar a posse de um presidente marfinense. Em segundo lugar, é também a primeira vez que a fundação FHB abriga esse evento, pois o que é de costume é a sala dos passos perdidos da presidência da República servir de cenário à posse presidencial na Costa do Marfim. Igualmente e em terceiro lugar, jamais os produtos derivados de uma posse presidencial, como um *pagne* e brindes, haviam sido previamente associados a esse evento.

6 <http://libertaire.free.fr/tisseron4.html>

Essas imagens participam, então, de um projeto argumentativo que visa a manifestar, pelo espetáculo levado ao extremo, todo o poder da instituição presidencial encarnado doravante por Ouattara. Essas imagens são cognitivamente associadas ao ritual da tomada de posse e testemunham os mecanismos de assujeitamento, dos quais a posse é portadora, bem como suscitam no destinatário o sentimento de inferioridade frente à pompa de um poder manifesto, como nota Goldberg (2010)⁷; fidelidade restrita ao enfrentamento de todo o poder do presidente eleito que faz corpo com a instituição que representa, a mais alta magistratura do Estado. Mas se o sujeito aceita morrer em sua individualidade (simbolismo de inferioridade assumida), o faz dentro do projeto de renascer em uma identidade coletiva, cristalizada pelo presidente empossado. Porém, um paradoxo próprio de toda posse é o de pretender a união de todos, embora uma minoria eleitoral se encontre excluída dentro de tal celebração do culto da instituição personificada. Assim, o jogo de imagens, representadas na tomada de posse de Ouattara, sob a disfarce da celebração de uma posse, que se define como objeto da união, é reveladora das intenções manipulativas e visa atestar a eficácia da reconciliação nacional, apesar do abismo social que ainda está vivo ou muito marcado.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **L'image**. Paris: Nathan, 1990.

BAKHTINE, Mikhaïl. **Le Principe dialogique**, édité par Tz. Todorov. Paris: Seuil, 1981.

BARTHES, Roland. **La chambre claire**: notes sur la photographie. Paris: Gallimard, 1980.

CADET, C. et al. **La communication par l'image**. Paris: Nathan, 1998.

7 Isto ocorre “[...] porque o rito representa a atitude fundamental, verbal, gestual e a postura que pode ser reconhecida por alguém como inferior, diante da manifestação de um poder, e porque, ao lado do poder que se manifesta, o rito é o meio teatral de acreditar em uma superioridade e, assim, obter respeito e honra pela exibição de símbolos de dominação, riqueza, de realizações por vezes imaginárias, o que é menos frustrante e usado para restringir a violência real, criando ainda a aspiração por um estado mais elevado”.

HOUËSSOU, Dorgelès. Retórica da imagem e temática da união no discurso icônico em torno da tomada de posse de Alassane Ouattara. Trad. Isabel Cristina Michelan de Azevedo. Rev. Trad. Eduardo Lopes Piris. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 56-73, dez.2013.

GERVEREAU, Laurent. **Voir, comprendre, analyser les images**. 3.éd. Paris: La Découverte, 2000.

GOLDBERG, Jacques. **Éthologie et sciences sociales: journées d'études interdisciplinaires autour de l'homme et de l'animal**. Paris: L'Harmattan, 2010.

JOLY, Martine. **L'image et son interprétation**. Paris: Nathan, 2002.

_____. **L'image et les signes: approche sémiologique de l'image fixe**. Paris: Nathan, 1994.

_____. **L'introduction à l'analyse de l'image**. Paris: Nathan, 1993.

MORIER, Henri. **Dictionnaire de poétique et de rhétorique**. 4.éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

PANIER, Louis. L'émotion à la «Une»: la mort de Yasser Arafat. In: RINN, Michael (Org.). **Emotions et discours: l'usage des passions dans la langue**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

PEYRESBLANQUES, Jean. Histoire et symbolisme des couleurs. In: **Les rayonnements optiques et les couleurs: faits et effets**. Edition INRS (Institut National de Recherche et de Sécurité), março 1998.

SOULAGES, François. **Esthétique de la photographie**. Paris: Armand Colin, 2005.

TISSERON, Serge. **Le mystère de la chambre claire: photographie et inconscient**. Paris: Flammarion, 1999.

Tradução:

Isabel Cristina Michelan de Azevedo
Docente da Universidade Federal de Sergipe
E-mail: icmazevedo@hotmail.com

Revisão da tradução:

Eduardo Lopes Piris
Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
E-mail: elpiris@uesc.br